

CLUBE do TARÔ

www.clubedotaro.com.br

Oferece mais um texto de qualidade.

Maela & Patrick Paul

O número vivo - O canto sagrado das energias

A divulgação desse capítulo, específico sobre a simbólica dos números, dirige-se aos interessados em encontrar chaves de compreensão para a numerologia e referências mais consistentes para o estudo dos significados numéricos das lâminas do Tarô.

Ágape Centro de Estudo e Editora
publicou, em português,
outros trabalhos dos mesmos autores.

Maiores informações com:

machaccur@uol.com.br

Nota para impressão:

46 páginas no formato livro 14 x 21cm,
para serem impressas em **23 folhas**, papel tamanho A4.

Maela & Patrick Paul

O número vivo

O canto sagrado das energias

Tradução e editoração
Constantino K. Riemma

O texto **O Número Vivo** constitui o primeiro capítulo de
Le chant sacré des énergies
- *Musique, Acupuncture, Tradition*,
de Maela & Patrick Paul,
publicada na França por Editions Présence.

Tradução e distribuição autorizadas pelo Autor.

Edição do
CLUBE DO TAROT
2007

O número vivo

“Deus criou o mundo com medida, número e peso.” Gênese

“Os Números são o mais alto grau do conhecimento.” Platão, *Epinomis*.

“Os números aparecem como um laço tangível entre os domínios da matéria e da psique. Será no futuro a mais fecunda área de pesquisa.” Jung.

“O Tao gera o Um, o Um gera o Dois, o Dois gera o Três, o Três gera os Dez mil Seres.” Tao Te King.

“Sem o Um a Terra não teria sua tranqüilidade nem o Céu a sua serenidade.” Lao Tsé

“Tudo se arranja pelo Número.” - Discurso sagrado de Pitágoras, citado por Jâmblico.

O leitor não familiarizado com a matemática iniciática poderá achar que essas definições e comentários, já há muito esquecidos pelo racionalismo contemporâneo, estão envolvidos por uma metafísica desconcertante. No entanto, tão logo entre nesse mundo de percepção, verificará que a razão domina o desenvolvimento e o encadeamento das idéias.

É importante estabelecer a diferença entre o Número divino, ou Número Idéia (Logos-Verbo) e o número científico (Platão, Nicômaco). Duas disciplinas coexistiam na antiguidade: a Aritmologia, Mística do Número, com tendência metafísica, que se ocupava do Número puro, concreto e criador, e a Aritmética, que tratava do número científico abstrato (da qual decorria uma outra aritmética, a do cálculo propriamente dito, destinada aos homens de negócios, porém relegada a um segundo plano).

Platão diz a esse respeito: *“A Logística (cálculo) é a teoria que se ocupa dos objetos enumeráveis, e nunca dos verdadeiros números... Assim, em lugar da tríade, ela toma o três, em lugar da década, o dez, e lhes aplica os teoremas aritméticos.”* (Cármides).

Foi necessário esperarmos pela Teoria dos Conjuntos de Cantor-Russell para descobrir que o algarismo dois, a díade ou par, e a idéia de Dualidade eram coisas muito diferentes.

Do mesmo modo que, com a nossa terminologia moderna russeliana ou einsteiniana, a mesma frase pode inerentemente representar um teorema de geometria tensorial, uma lei física ou uma equação de cálculo diferencial absoluto, entre os Antigos a mesma frase podia ser lida como uma proposição de geometria, de música, de estética geral, de cosmogonia ou de metafísica.

O Número é o arquétipo mais puro que introduz à compreensão do Cosmo, que é o “Mundo ordenado”. A compreensão da ordem matemática, isto é, do Cosmo, passa por uma compreensão intuitiva do número. É isso que tentaremos abordar. Para tanto, deixemos toda bagagem intelectual e permitamos que o símbolo fale em nós.

Noções gerais

Todo número integra a comparação de duas grandezas. Consiste na projeção, sobre o plano matemático, da operação elementar do julgamento, ou seja, a percepção exata de duas relações, a comparação de dois objetos.

Assim, todo ato matemático implica no dois, na comparação, e se refere à Unidade subjacente.

A Unidade Causal é o Todo. O Universo que dele resulta só pode ser composto de frações dessa Unidade. O fracionamento, a divisão original que relatam os mistérios, torna-se a Lei, o Gesto Divino, à imagem do qual é necessário proceder. Assim, toda aritmologia tradicional se fundamenta na Unidade e suas frações, depois no retorno à Unidade. Tudo que emana do Único ocorre pelo seu fracionamento e nos aparece em volume, pois é só pelo volume e pela duração que as coisas se tornam para nós sensivelmente compreensíveis.

A partir do volume, cada coisa só existe em relação a uma outra. É pela comparação que as coisas se tornam psicologicamente compreensíveis para nós. São as relações proporcionais da arquitetura sagrada. Nossa compreensão, relacionada aos sentidos e à capacidade de análise, está baseada na dualidade. Isso significa que toda coisa é relativa. Por exemplo, uma temperatura só pode ser fria ou quente em relação à temperatura do nosso corpo. Quanto mais afastada estiver da nossa referência, mais agressiva e traumatizante ela será. Nada, na manifestação, como será facilmente compreendido a seguir, é absoluto.

Como cada objeto não passa de uma parcela do Grande Todo, os membros que enunciam esses objetos não podem se referir a esse Grande Todo cósmico. Eles só podem ser considerados em suas relações mútuas. Tais relações podem parecer fortuitas: dizemos que fez sol durante três dias, ou que a idade de uma criança é sete anos, ou ainda que um pequeno bosque é constituído de 12 carvalhos. *“Quanto tempo vive uma mosca? Uma vida. E Pieng-Tsu, o homem mais velho do mundo? Iguamente uma vida”* (Schipper).

Um estudo aprofundado das correspondências analógicas ocultas nos leva a perceber que o caráter aparentemente fortuito das coisas deve-se à nossa ignorância das causas e das relações misteriosas que ligam os fenômenos. A noção de acaso repousa sobre essa incompreensão. Ela foi colocada em questão por diferentes autores modernos, como Pauli e Jung (princípio da sincronicidade).

Assim, os fenômenos naturais estão submetidos à lei do Número, o que subentende que uma lei idêntica governa toda a natureza, seja ela denominada corpo químico, vegetal, animal, homem, estrela ou som.

Mesmo os efeitos naturais obedecem a ela, seja o vento sul, que sopra alternadamente cinco ondas fortes, depois sete fracas, seja o vento norte, que tem um período de três ondas fortes seguidas de quatro fracas. Constatamos, também, que as folhas se inserem nos ramos segundo distâncias ordenadas por um ritmo regular, no mais das vezes de acordo com um modelo espiral. De igual modo, a forma do cristal ou da concha lembra essa mesma lei do Número. Sabemos, pelas descobertas científicas, que os movimentos vibra-tórios naturais, sejam eles luminosos, sonoros ou fluídicos, obedecem a essa mesma lei, tal como os átomos. Os movimentos do Sol, dos planetas, dos cometas, do Cosmo na sua totalidade, estão submetidos a ela. O Número é a expressão da Lei, tal como esta é a expressão da Harmonia Universal. Isso torna possível não só regular os fenômenos naturais, mas também o destino dos Homens (I Ching, geomancia...).

Pode-se dizer que a linguagem do Número é a linguagem do conhecimento, que se opõe à linguagem dos sentimentos, que só pode se exprimir por palavras.

O iniciado que conseguir aprofundar a significação do Número, possuirá a chave de todos os segredos, pois o Número abre não apenas o conhecimento das leis naturais, mas consiste também no

único elo lógico e chave comum dos ensinamentos iniciáticos ou religiosos. Estudar o simbolismo do Número significa penetrar na pesquisa da própria essência do Mundo, sem o risco das miragens dos sentimentos pessoais ou das especulações impossíveis de serem verificadas. Significa permanecer em contato com o pensamento coletivo dos iniciados, que repousa na observação natural e na lógica. Em outras palavras, *“os números naturais, do ponto de vista psicológico, são por certo representações arquetípicas, pois somos obrigados a pensar sobre eles por um caminho determinado... Em outros termos, “os números não são conceitos conscientemente inventados pelo homem com a finalidade de calcular. É evidente que são produtos espontâneos, autônomos, do inconsciente, tal como os outros símbolos arquetípicos”* (Jung).

Assim, o arquétipo do número, o mais universal que existe, inscreve-se em tudo, seja na gênese, no mundo manifestado, exterior, seja no corpo do homem ou no seu psiquismo. A estrutura tradicional, seja egípcia, hebraica, grega, celta, hindu ou chinesa, está inteiramente sob o controle dos números.

Noção da unidade do princípio

A noção de número repousa sobre o conceito de Unidade. O Número é geralmente definido como uma coleção de unidades. Assim, cada número é um aspecto particular da unidade absoluta, sendo cada objeto uma parcela do Grande Cosmo. Entrar no Número nos revela as relações, a harmonia, a lei, o princípio. Ele é a raiz do Universo manifestado.

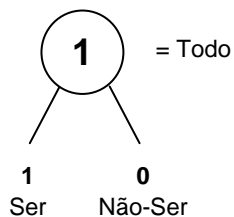
Coloquemos diante de nós uma folha em branco e tracemos um ponto sobre ela: muitos o situarão sobre a linha vertical central, seja mais para o alto ou mais para o centro.

Esse ponto, para o qual o olhar é atraído, determina o espaço da folha. Ele define, por consequência, o **ser** (ponto) e o **não-ser** (folha), que são uma única e mesma realidade, o Todo, a Unidade, o infinitamente grande que é o infinitamente pequeno, o centro e a periferia, o interior e o exterior.

Numen, a divindade, e *Numerus*, o número, têm a mesma raiz etimológica. O Tai Chi dos chineses, traduzido por Grande Um, é o princípio e o fim último.

O número **um** possui propriedades excepcionais:

- ao contrário de todos os outros números, ele não pode ser multiplicado e dividido por si mesmo: $1 \times 1 = 1$; $1 : 1 = 1$, pois é o divisor de todos os outros números. É o único número que aumenta mais pela adição do que pela multiplicação.
- ele é o primeiro número triangular, o primeiro número quadrado (veja última página). É o único número natural que não segue um outro, ou seja, que não tem predecessor.
- na multiplicação, ele é excluído como elemento neutro.



Podemos agora compreender melhor por que o Um é, nas tradições, a Unidade indivisível, o Todo. O simples fato de que a série matemática dos números começa pelo Um e se estende ao infinito, coloca-o numa particular relação conceitual com o infinito.

Ele comporta um duplo aspecto: quantitativo, por ser a Unidade, e, qualitativo, por conter qualitativamente a série completa dos números, visto que $2 = 1 + 1$ e $3 = 1 + 1 + 1$. Ora, se no Um está o Todo, é lógico considerar, tal como a Tradição, que os demais números nascem a partir dele, por divisão. Sob essa ótica, o Dois seria a bipartição, a duplicação do Um, da mônada. O Um dividido em duas partes daria o Dois.

“Sem o Um a Terra não teria sua tranqüilidade, nem o Céu sua serenidade”. Lao Tse.

O Um possui ao mesmo tempo um caráter unitário no seu aspecto sintético e um caráter analítico no seu aspecto numérico.

Considerando sob o ângulo quantitativo, a série dos números é constituída pelo acréscimo repetido de uma unidade, enquanto que sob o ângulo qualitativo, essa série não passa de uma divisão da mônada.

O Um é assim multiplicidade latente. Ele une indivisivelmente, em si mesmo, a quantidade e a qualidade. É a energia potencial que ainda não se manifestou.



Na geometria, o Um é o ponto. É o signo de Áries na astrologia. O Um absoluto é inumerável, indeterminável, incognoscível. Sobre a nossa folha branca, o Um, o ponto, só pode ser definido por si próprio. Ele é. E basta. Somente quando aparece nos números é que se torna conhecível, pois o outro, indispensável para esse ato, está ausente no estado de Um. O Um deve sair de sua totalidade e se polarizar para se definir. Todo fenômeno de tomada de consciência implica no espelho do Dois. Um dá a idéia de identidade, unidade, igualdade, totalidade, concórdia, simpatia no mundo.

☉ = hieróglifo do Sol

Mas o Um só pode se tornar Dois por uma função mística que resume todas as relações de harmonia do mundo. É a raiz de Dois, valor irracional, que estabelece a relação entre Um e Dois, e toda função vital se liga à ação separadora de $\Phi = \sqrt{2}$. (*Le temple de l'Homme*. R. A. Schwaller de Lubicz. Dervvy Livres). [Φ ou ϕ é *Fi*, a 21ª letra do alfabeto grego]

Essa ação separadora dá ao Dois a idéia do outro, mas, com isso, também de discriminação e desigualdade.

Um número é denominado irracional quando não pode ser definido nem por números inteiros, nem por números racionais (frações). Esses números são denominados transcendentos na matemática moderna.

A $\sqrt{2}$, enquanto número numerante, desempenha o papel simbólico da passagem do Um ao Dois, característica vital da função Φ . Ora, Φ é a função de partição do Único. Quando Φ , transcrito em número numerável, deve definir o volume, ele atua como $\sqrt{5}$.

Tomemos um quadrado de lado 1; sua diagonal é $\sqrt{2}$. Essa raiz representa um número que, embora figurativamente finito, é incommensurável intelectualmente, pois tendemos a ver nela um número, ao invés de aceitá-la como uma função. Podemos calcular a diagonal e atribuir a ela um valor, mas o que importa é que, seja qual for o seu valor, isso não modifica em nada sua função expressa pela $\sqrt{2}$, imanente à noção de quadrado.

Jamais poderemos traçar um quadrado perfeito, absoluto. Ele não existe, ele é. Podemos calcular os quadrados como se existissem, sem nos preocupar com o fato de não serem reais, mas tere-

mos esquecido o que essa função pode nos revelar, ou seja, a lei que comanda toda a gênese, a partição que fará do Um o número Dois.

Por essa razão, a função $\sqrt{2}$ é o instrumento de definição do Devir.

$$\sqrt{2} = 1,414213562 \dots$$

$$\sqrt{3} = 1,732050807 \dots$$

$$\sqrt{5} = 2,236067977 \dots$$

$$\Pi = 3,1415926532 \dots \quad [\Pi \text{ ou } \pi \text{ é } Pi]$$

$$\Phi = \frac{1 + \sqrt{5}}{2} = 1,618033988 \dots$$

$$\sqrt{7} = 2,645751311$$

Ela pode ser vista como o poder criador ou Aton, o poder coagulante do Egito antigo. Essa função criadora, enquanto reveladora da passagem do 1 ao 2 ser representada por Φ . Esse número, como toda raiz, é irracional infinito. O mistério reside na multiplicação desse número infinito por si mesmo, o que dá um número finito, definido, portanto racional: $\sqrt{2} \times \sqrt{2} = 2$.

Aí está o mistério da Origem que é também o mistério de todos os dias, pois nada surge sem essa estranha função. A Unidade vai assim se fracionar por essa função. Mas $\sqrt{2}$ é uma função e não um número. Sua transcrição geométrica é um símbolo, não uma realidade. O fracionamento da Unidade pode ser assim descrito: um meio perfeitamente homogêneo, portanto não composto, divide-se em duas partes heterogêneas entre si. Essa heterogeneidade será a primeira manifestação da Dualidade, tal como o ser do leite poderá ser separado em manteiga e soro. A tradição judaica ilustra isso pela queda, ou seja, a dualização do Anjo em Satã-Lúcifer ou Seti-Horus, os dois irmãos inimigos mas inseparáveis, os verdadeiros construtores do Templo Visível. O mortal que por fim será destruído pelo sopro divino é a antinomia dos elementos que tornaram visível a realidade invisível. $\sqrt{2}$ é o Verbo, a Revelação, a Palavra, Tot Hermes.

A dualidade, que promove o nosso Universo e sua perpetuação, é o princípio deteriorante do corpóreo pela tensão gerada, mas que aspira à imortalidade e ao equilíbrio do Ternário. É o mito da queda, do combate entre o Bem e o Mal; é a chave de toda Ciência.

Heterogeneidade não significa apenas oposição, mas também separação da simultaneidade em seus complementos que, necessariamente, criam entre si uma proporcionalidade que se denomina função. Funcionalmente, as duas partes são qualitativamente desiguais entre si, como $1/\Phi$ e $(1 - 1/\Phi)$, o que nos dá a noção de Dois, o primeiro número contado. Essa desigualdade cria a dinâmica do Universo (3 Yang para 2 Yin, entre os chineses) = $3/5$ e $2/5$. Essa função dinâmica está associada à quinta no plano musical (relação $3/2$). Enquanto imagem, essa função representa a separação do Céu e da Terra, das águas de cima e das águas de baixo, ou da “energia” e da “matéria”.

O binário

Para tomar consciência de si mesmo, o Absoluto deve se diferenciar: pela confrontação entre si, as partes se distinguem. A mônada se transforma em consciência.

Tracemos dois pontos na folha branca: • •

Se no nível quantitativo $2 = 1 + 1$, no nível qualitativo o Dois é uma divisão da Unidade, isto é, uma duplicação do mundo. Confrontada com a Unidade incognoscível primordial, a dualidade pode ser determinada. O princípio não diferenciado, não limitado, se exprime de modo duplo. É o Yin-Yang dos orientais, que só pode ser concebido através das relações mútuas de:

- relatividade
- oposição
- complementaridade



Assim, o dois divide. Ele constitui a base de formação de pares ordenados e se mantém como pano de fundo de toda relação bipartida. É o único número primo par e o único número em que a adição e a multiplicação por si próprio dão o mesmo resultado.

O arquétipo da dualidade está na base de toda operação de reflexão, de reflexo. Na geometria, o Dois é a linha que reúne dois pontos, a reta que separa em dois. Ele está ainda na origem da distinção do par e do ímpar que, no espaço, constitui o eixo de direção direita-esquerda, o eixo intermediário entre o destro e o sinistro (enquanto que antes-depois estão sobre a linha central). A ele se associa a idéia de polaridade e de simetria. O Dois se associa ao

segundo dia da Criação quando Deus separa as águas de cima das águas de baixo. No ciclo cotidiano ele separa o dia da noite, o Yang do Yin. Ele estabelece a relação do instante extraordinário do raiar do Sol às seis horas da manhã do equinócio da primavera, verdadeira vibração da unidade primitiva, com as seis horas da tarde do equinócio do outono. Ele separa os lados do eixo leste-oeste ou aurora-crepúsculo, os extremos norte e sul ou meio-dia e meia-noite. É ainda, na música, a unidade que produz a oitava numa partição binária.

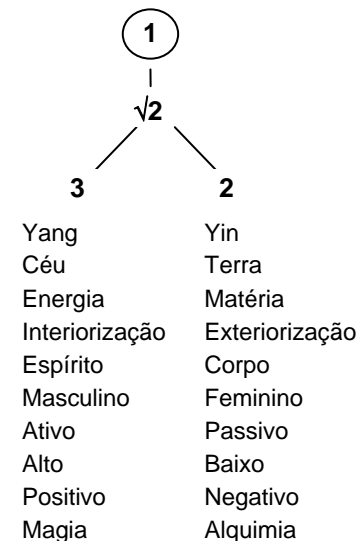
Considerado como ritmo ou movimento, o Dois pode ser percebido como repetição, oscilação ou pulsação. É o movimento periódico recíproco do Yin e do Yang, no qual o espacial (diante-atrás, direita-esquerda, alto-baixo) e o temporal (antes-depois) não são separáveis. O Universo inteiro possui assim uma constituição rítmica fundamental que corresponde, com a polarização das energias, ao plano energético.

Embora a dualidade signifique oscilação e ritmo, ela não leva contudo à noção de Tempo. Este só será percebido através do três, que implica na idéia de direção. O ritmo é vivido por meio da nossa participação na vida, sem necessidade de consciência. Aquilo que é mostrado como estrutura intemporal pelo inconsciente, é reconstruído pelo pensamento analítico e, a seguir, marcado pelo fator tempo. Essa entrada no tempo torna irreversíveis os elementos de nossa compreensão. No entanto, através dessa tomada de consciência, é o Três, como veremos adiante, que se liga ao tempo no simbolismo dos números. O Dois está associado à Terra e o Três ao Céu.

A polaridade se exprime de modo dinâmico. Ao passar pelo Três, e através de sua repetição multiplicada, ela dá nascimento a um “Caminho”, à noção de vetor espacial e temporal.

Dois, como vimos, é o poder multiplicador pela divisão. Constitui a consciência dessa multiplicação, a noção do mais em relação ao menos, a sexualidade e a origem da natureza no seu aspecto de instabilidade e dinâmica. A natureza é o mundo da criatura. Tudo nela é dualizado numa aparência cerebralmente sensível para nós, determinando o mundo exotérico, projetado fora de nós, “objetivo”.

A Criação se realiza, portanto, entre o Um e Dois. No Gênesis, o Primeiro Dia corresponde à criação da luz e das trevas. É a atuação da Potência de Φ .



No Segundo Dia há a separação do Céu e da Terra, primeira dualidade (separação das águas de cima e das águas de baixo).

Por mais que nos pareça assim, os aspectos extremos da Dualidade, Deus e o Diabo, não são reais, mas apenas relativamente verdadeiros. Só é real o invariável, o não dividido, ou seja, o Momento Presente, que é eterno, indivisível, incompreensível para o cérebro, mas conhecido pela nossa consciência inata. Este é o mundo esotérico, na sua visão global e unitária.

Os alquimistas representaram a dupla polaridade cósmica pelos dois fermentos, o Rei e a Rainha, ou ainda o Sol e a Lua. O Sol sempre foi considerado positivo e masculino, enquanto a Lua negativa e feminina. A dualidade refletiva e substancial da Lua se exprime no hieróglifo de um círculo dividido em dois.



Os hermetistas dão também um segundo par:



Salitre

Sal

O Salitre e o Sal representam respectivamente o indeterminado e o determinado. A Grande Obra, pelas núpcias do Rei e da Rainha, deve restabelecer a União harmoniosa das polaridades contrárias.

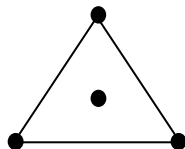
A dualidade (+ -) é a lei aparente da criação. Mas se a diferenciação é dual, a organização é ternária.

O ternário

Na realidade, três princípios criam simultaneamente, podendo ser denominados Enxofre, Mercúrio e Sal dos alquimistas, ou energias ancestrais na acupuntura. O Um desabrochou em Três. E três pontos sobre uma folha de papel, se nos deixarmos conduzir pelo Número Vivo, podem ser escritos de acordo com duas possibilidades:



O Número é a energia que se desloca para ocupar nosso espaço (a folha) num movimento harmônico que exclui o acaso. Cada posição (o Dois, por exemplo) encontra sua resolução através de um movimento particular (neste caso, de retorno ao centro), que só pode corresponder a uma única posição. Essa estruturação significativa do espaço é utilizada no desenho meditativo, nos testes psicológicos e assim por diante.



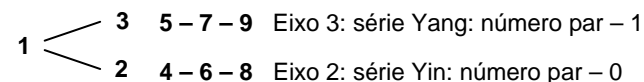
O Ternário, sobretudo o do grafismo triangular (triângulo equilátero), dá uma impressão de equilíbrio, de harmonia, de plenitude. Ele se basta a si próprio. É o símbolo por excelência do Mundo divino, também representado pela Unidade ternária.

Esse aspecto está ligado à roda, portanto aos ciclos e ao tempo, com relação à nossa tomada de consciência. O Três é a chave do círculo. Ele é o princípio dinâmico por excelência e permite a ação (veja o ciclo das quintas na música).

Após haver considerado as noções de Unidade e de Dualidade, vemos surgir o Três como síntese ou eixo de simetria da bipolaridade do Um Primordial. Nessa perspectiva, o Três representa o aspecto da Unidade que se torna consciente de seu aspecto unitário bipolar. Se o Um tornado Dois toma consciência de sua dualidade

na sua unidade, ele também toma consciência de seu aspecto tríplice: $3 = 2 + 1$.

Três evoca a Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – Três em Um; tal como o astro solar, o Pai, fora da Criação (Terra), se dá a conhecer pela ação de seu Filho, o Calor, e do Espírito Santo, a Luz. É a primeira tríade, o primeiro “ciclo”. Assim, o Três centra as assimetrias de Dois e constitui o ponto de partida dos desenvolvimentos lineares, da consciência e do tempo. Um ciclo completo, terminado, pode tomar consciência de si mesmo. Mas o Três dá apenas uma imagem do mundo. É a partir do Quatro que os números se inserem num eixo-dois ou num eixo-três, percorrendo a série completa dos números:



O Um permanece como ponto de partida desse desenvolvimento simétrico. Assim, após o Três, a progressão dos números se desenvolve de modo duplo segundo duas séries opostas, a dos números pares, Yin, e ímpares, Yang. Esse dado é interessante porque mostra que o par só pode gerar o par (Yin só gera Yin), enquanto que o ímpar pode gerar o par ou o ímpar. Essa noção encontra aplicação terapêutica na acupuntura. Além disso, todo elemento da série Yin, a partir do Seis, é composto pela soma de dois números primos (exceto o Um, que não faz parte da série de números primos), como por exemplo $8 = 5 + 3$, enquanto que na série Yang, a partir do 9, compreende três números primos, como por exemplo:

$$11 = 7 + 2 + 2 \quad \text{ou} \quad 5 + 3 + 3$$

Podemos agora compreender melhor os valores atribuídos ao Velho Yin = 6, e ao velho Yang = 9, no I Ching.

A série de números começa, portanto, após o Três. Cada par de números, pela passagem ao centro, reconduz à Tríade. Cada tríade de situação idêntica especifica o desenvolvimento dinâmico de um evento. A progressão transforma o arranjo dos números sobre o plano qualitativo atraindo a atenção para o centro.

Os grupos triádicos ou as figuras míticas podem ser classificados em duas principais categorias: a de três figuras análogas de igual

importância e a de uma figura principal ladeada de duas secundárias, como é o caso de Cristo entre os dois ladrões, o bom e o mau. A primeira disposição (• • •) representa mais uma linguagem pré-consciente, enquanto a segunda, (• • •) indica a percepção do processo de reunificação da Unidade através do par de opostos e o aparecimento desse Um no espaço-tempo, isto é, nas consciências. Os ritmos ternários estão muito provavelmente relacionados aos processos espaciais ou temporais, ou a sua realização na consciência.

Com o Dois tivemos a criação de uma tensão por oposição entre o um e o outro. Mas toda tensão de opostos provoca um desenvolvimento dinâmico que desenlaça a tensão, da qual nasce o Três, novo ponto de equilíbrio, na medida em que reaparece o Um perdido.

O Três é o desdobramento do Um que torna a este cognoscível (Trindade). Número do Céu, do Tempo, do Círculo e da mediação, o Três simboliza o Homem primordial que torna o Céu-Terra conhecível.

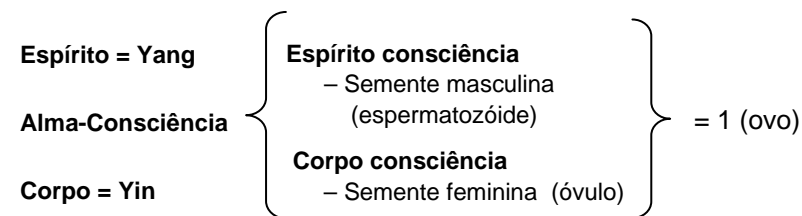
O eixo do Três fixa uma relação de posição na Unidade primordial. Para que servissem os pólos positivo e negativo de uma fonte elétrica sem o circuito que os coloca em contato?

Em relação a esse eixo, os diversos constituintes não podem se colocar voluntariamente à direita ou à esquerda. O Três introduz assim um elemento de eixo e de direção no ritmo oscilatório do Dois, o que permite a formação de parâmetros espaciais ou temporais, segundo se considere um modo ou outro de expressão – simbolicamente quadrado ou círculo – pois não devemos esquecer que não existe a menor diferença entre matéria e ritmo: o Yin e o Yang excutam o concerto em harmonia.

Três princípios presidem a existência:

- o que faz, o Sujeito, ou seja, o Espírito, Enxofre, Céu.
- o que é feito, o Objeto, ou seja, o Corpo e sua especificidade, Sal, Terra.
- o que reúne os dois, o Verbo, a Alma, ou seja, a Consciência, Mercúrio, Homem.

Aí estão indicados os dois aspectos, Espírito-consciência masculino e Corpo-consciência feminino, que resultam do Verbo, a ação interna da qual tudo provém, o Único.

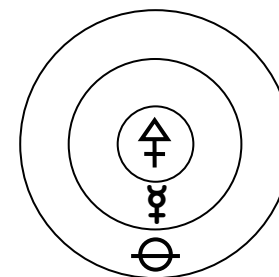


O Verbo manifesta: é a tecelagem. Três, o Homem, pela junção das duas sementes, o Espírito-consciência masculino e o Corpo-consciência feminino, constitui-se no filho. Mas, ao mesmo tempo, enquanto Ovo, é o Um, o Todo, parcela de luz da Divindade, feito à sua imagem.

“A Unidade está no Pai, a Igualdade no Filho, a Harmonia da Unidade e da Igualdade no Espírito Santo” (Santo Agostinho).

A alma, associada ao símbolo do Três, está assim ligada ao fator Tempo contido nele: a evolução da consciência é uma função do Tempo.

O ternário astrológico Sol-Lua-Mercúrio simboliza, no primeiro, a razão, no segundo, a imaginação e, no terceiro, a inteligência e a adaptação.



O Espírito-consciência (Mental) é, como veremos no simbolismo do Seis, a reflexão do Mental superior ou Inteligência ativa. Essa consciência por reflexão leva ao conhecimento dito “objetivo”, isto é, do objeto. Pela reflexão tomamos consciência do Espírito que nos habita.

O Corpo-consciência (corpo astral) é o reflexo do Amor-Sabedoria do plano superior. Essa tomada de consciência emocional denomina-se “subjetiva”, pois o Três, associado ao plano astral e tendo o sujeito como único ponto de referência, só pode estabelecer seu processo de consciência em si mesmo. Em sua aplicação “terrestre”, a Consciência-corpo está associada às emoções e sensações que desencadeiam processos astralizados (reações ditas psicossomáticas).

O Verbo é a raiz de Dois, a harmonia sobrenatural. Denomina-se Céu a essa raiz, pois em sua dualização dá Céu-Terra. Seu fruto,

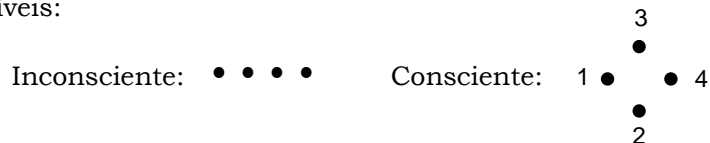
seu filho, o Três, o intermediário, meta e ponte, é o Homem corpóreo, a natureza. O Homem incorpóreo é o Céu, mas é três: o Corpo, o Espírito e seu fruto, a Alma. Esse Três é Um, o Homem, isto é, a Vida.

Mercúrio é o Planeta que corresponde ao Três. Seu grafismo procede do disco solar ☉ e do crescente lunar ☾ ou ☽ reunidos acima de uma cruz +, exprimindo que nele se unem a ação dos dois princípios primordiais. Ele é o hermafrodita central que procede da vontade solar e da imaginação lunar: ☿.

O terceiro signo astrológico, Gêmeos, é duplo e simboliza o movimento e a união após a apresentação dos dois princípios elementares masculino e feminino: Áries e Touro. Ele é regido por Mercúrio. Seu símbolo, ♊, é precisamente a unificação do Dois = II.

O quaternário

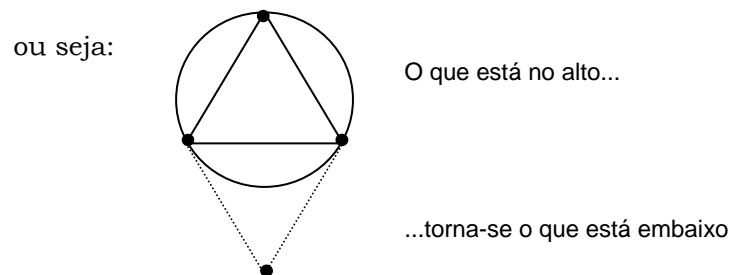
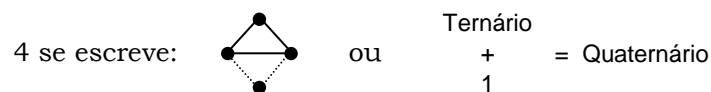
Para traçar quatro pontos na nossa folha, dois grafismos são possíveis:



A segunda figura, pelos seus quatro pontos, limita uma superfície. Além disso, o Quatro é reflexo do Um em relação ao eixo 2-3. Ele constitui em razão disso uma limitação, portanto uma característica de ordem estática que contém uma dupla oposição.

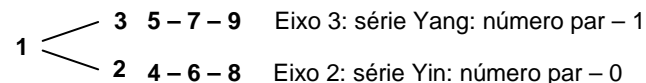
Após o Dois (polaridade Céu-Terra, Espírito-Corpo, energia-matéria), seguindo o Três (a consciência, a alma), surge o Quatro, o reflexo, a reflexão, o mental, que é o quarto plano da consciência, após os corpos físico, energético e emocional (ou denso, etérico e astral).

A passagem do Três ao Quatro é expressa na fórmula alquímica “Do Um sai o Dois, do Dois sai o Três e do Três sai o Um como quarto”. Isso significa que o Três, considerado como unidade ternária ou trinitária, em relação ao Um primordial, é o Quatro, que não nasce de um modo progressivo qualquer, mas pode ser reconhecido retrospectivamente como existindo desde sempre.



Essa representação mostra o aspecto “refletido”, “espelhado” do quatro em relação à unidade ou à trindade primordial.

Como já vimos, a partir do Quatro a progressão dos números se efetua de modo diferente, segundo duas séries, uma ímpar e outra par.



Se, no plano qualitativo, o Quatro pode ser considerado como $4 = 1 \times 4$, no plano quantitativo Quatro é 2×2 , ou seja, a dupla dualização (duplicação). O Dois é a Terra enquanto *Materia Prima*; O Quatro = 2×2 será a Terra enquanto *Materia Secunda*.

O Quatro constitui portanto um modelo Dois repetido. Ele estabiliza e torna visíveis as totalidades individuais, demarcando os limites.

Na geometria euclidiana, 4 pontos geram o primeiro corpo com três dimensões (limite de percepção).

O Quatro, que corresponde à repetição do Dois, através da superfície, é um número limite: a partir de quatro filhos, os romanos não davam mais nomes pessoais, porém *Quintus*, *Sextus*, *Septimus*, *Octavus*... As orientações quaternárias dominam os modelos do Universo. Pode-se dizer, portanto, que o Quatro é a passagem para a limitação, a materialidade. Há quatro energias distintas na natureza: nuclear, elétrica, interações fracas e gravitacionais.

Mesmo no âmbito puramente técnico, o Quatro assegura a função de limite numérico: para a transmissão de informação sem erro, utiliza-se o campo de Galois, formado de quatro elementos. No nível genético, as quatro bases – adenina, guanina, citosina e timina – se exprimem de modo ternário (tripletos), dando por combinação $4^3 = 64$ variantes. Essas 64 possibilidades representam os 64 aspectos possíveis do mundo. A natureza é como um plano desenhado sobre três dimensões e quatro direções. Ela não é, contudo, percebida diretamente. Apreendemos apenas as suas manifestações objetivas, isto é, reflexivas.

Na astrologia, os aspectos de base 3 – trígono e sextil – são os “bons aspectos”, enquanto que os de base 4 – quadratura e oposição – são chamados de “maus aspectos”. De fato, os primeiros favorecem, enquanto que os segundos limitam, freiam. Mas não há bons ou maus aspectos. Tudo depende do que se faz com eles.

A passagem do Três ao Quatro é um progresso da consciência, passando do mundo da imagem pensada (astral) a uma outra imagem na qual o observador se sente envolvido na medida em que pensa e vive a experiência (mental). O Quatro torna-se consciente de si-mesmo, é o “Eu”. Quando o conteúdo consciente, mas sem limite, do Três entra no processo de consciência, ele é estruturado e diferenciado pelo Quatro, isto é, ele se torna objeto da experiência, através das quatro funções da consciência (passagem do mundo subjetivo ao mundo objetivo) propostas por Jung:

- **Física**, a percepção como algo existente (*sensação*);
- **Astral**, a revelação como agradável ou desagradável, aceitável ou não (função de *avaliação* ou *sentimento*);
- **Mental**, o reconhecimento de como “isto” se diferencia “daquilo” (*pensamento*);
- **Espiritual**, o pressentimento da origem ou da finalidade (*intuição*).

A passagem do Três ao Quatro, da não-limitação à limitação, é necessariamente dolorosa. Ela está associada de certo modo à manifestação, que é limitação, e conduz do infinito da vida à nossa realidade finita, através de um processo de inversão: transição do infinito ao finito, da ausência de estrutura à estrutura. É, como veremos, o instante da fecundação, a passagem do Céu Anterior ao Céu Posterior, entre os chineses. Nessa passagem, o Um adquire um

mínimo de qualidade e um máximo de densidade e pode, assim, ser reconhecido. Considerado sob esta forma, o Quatro constitui um campo dotado de movimento rítmico interno e fechado que, emanando do Três, desdobra-se no Quatro para retornar ao centro. Com o Quatro não podemos ir mais longe: somos encerrados num espaço determinado que simboliza também a cruz.

O quatro é assim uma fixação, um fecho de abóbada. É símbolo de estabilidade, base, assentamento. Mas implica numa noção de aprisionamento e esforço; será a descoberta do Cinco e do vertical que permitirá escapar à limitação horizontal do Quatro. A relação do Quatro com o Cinco se encontra nos hieróglifos planetários: exceto o par Sol-Lua, os cinco outros planetas do setenário têm o signo da cruz, que é limitação e dualidade:

♿ (Mercúrio), ♀ (Vênus), ♂ (Marte),
♃ (Júpiter) e ♄ (Saturno)

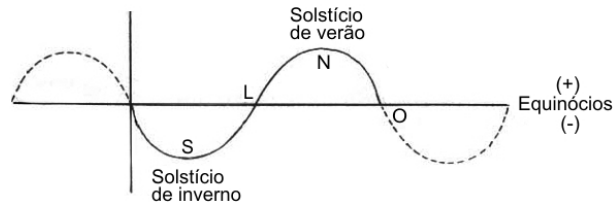
A Porta dos Homens corresponde ao signo de Câncer (e ao solstício de verão no hemisfério norte), símbolo portanto que representa também o fenômeno de inversão, de transposição ou cruzamento associado ao 4º signo do zodíaco: *f*

A Casa quatro, na astrologia, assinala o fundo das coisas, a hereditariedade que se compõe das 4 energias do código genético. Curiosamente, o signo de Câncer, que equivale à Casa 4, portanto aos “alicerces”, é também o signo no qual o Sol está mais alto no céu, durante o solstício de verão no hemisfério norte, o que indica outra inversão Céu-Terra. Trata-se de uma parada na qual se avalia o que foi alcançado antes de julgar o que virá (mudança de inflexão das energias no solstício).

O Quatro está fundamentalmente associado à Terra, com:
as 4 direções,
as quatro idades do mundo,
as quatro idades da humanidade.

As curvas dos fenômenos naturais contínuos, tais como as estações, evoluem de um modo quaternário, ou seja, sobre as quatro direções e num esboço crucial. A curva senoidal é a representação típica dos movimentos vibratórios, fundamento da maior parte das manifestações naturais.

O quinário



O modelo desses ciclos é dado pelas estações. Existe no ano um período quente e seco, no qual os dias são longos, as chuvas raras e o sol ardente, que se opõe a um período frio e úmido, o inverno. Entre eles, um primeiro período intermediário se caracteriza pelo fato de que o calor aumenta, a temperatura parece mais suave após o frio invernal. As chuvas são freqüentes e esse período é quente e úmido (primavera). Já o segundo apresenta qualidades opostas: o outono é frio e seco. Isso determina o que a tradição ocidental denomina qualidades elementares: quente, frio, seco e úmido. Essa divisão quaternária se impõe com tanta evidência, que é encontrada em todos os povos e em todas as épocas.

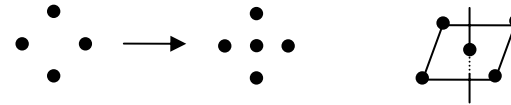
A vida humana, em seu ciclo que vai do nascimento à morte, é comparável à vida vegetal em seu ciclo anual: crescimento ou infância, desenvolvimento ou maturidade, florescimento ou velhice e a seguir a morte, que marca a passagem de um ciclo ao outro.

O quaternário também se encontra com certeza entre os hermetistas com os nomes simbólicos de Fogo, Ar, Água e Terra. Os estados se sucedem segundo uma ordem cíclica. Eles são uma determinação geral da própria presença das forças da natureza.

Por todas essas razões, o Quatro tomou o sentido de limitação, solidez, conclusão, reflexão, realização.

Mas ele é um estado de antagonismo estéril e sem saída, no qual os termos se neutralizam dois a dois, levando a “girar em círculo” no ciclo da natureza. A solução só poderá vir por uma tomada de consciência do centro, que é a quinta-essência.

Vamos escrever, a partir do Quatro, nossos cinco pontos; o quinto encontrará espontaneamente seu lugar no centro da figura.



Esse novo passo que conduz ao número Cinco é descrito na concepção da pedra filosofal como quinta-essência. Esta última, no plano qualitativo, não é simplesmente um quinto elemento que vem se juntar aos quatro já conhecidos, mas o ser unitário realizado dos quatro elementos conhecidos. O quinto serve de eixo ao quaternário natural.

Esse centro, como todo algarismo ímpar, envolve, no plano horizontal do Quatro reunificado pela Unidade central, a seção do eixo vertical.

A quinta-essência subentende assim um nível visível, manifestado, o Quatro, e um centro invisível, espiritual, ponto de junção entre os mundos horizontal e vertical, terrestre e divino; realizar a quinta-essência abre as portas desse segundo mundo: por exemplo, Espargiria, Alquimia. O Cinco é então compreendido como um Quatro centrado.

A quinta-essência rerepresenta a unidade, a síntese, o aspecto mais espiritual que se possa elaborar. Ela está, ao mesmo tempo (veja os cinco elementos na acupuntura), presente neles e deles é extraída, como também é produzida pela circulação desses elementos entre si.

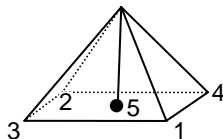
O quinto elemento (a “Terra”, para os chineses) vai além de qualquer aspecto terrestre concreto (o princípio K’un, a extensão, o feminino). Ele permite a realização efetiva do espírito na matéria e no espaço-tempo. Entre os hermetistas, o quinto elemento é denominado Aither ou Êter. Esta quinta-essência permite aos quatro outros elementos se formarem, agregarem, ligarem e unirem

Encontramos aí também uma das explicações do simbolismo da pirâmide. Ela é a projeção da Unidade (topo) na manifestação (superfície quadrada da base).

A comunicação entre o plano inferior do Quatro e topo torna-se a comunicação entre o Espírito e o Corpo. A passagem se efetua pelo eixo central da pirâmide. O contato do eixo central com a base constitui a noção do Cinco.

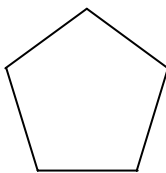
O centro integra as qualidades periféricas:

- 1 = água = norte;
- 2 = fogo = sul;
- 3 = madeira = leste;
- 4 = metal = oeste;
- 5 = terra = centro.



A natureza, como o homem natural, resume quatro elementos numa quinta-essência. Ela é a Idéia (cérebro direito intuitivo e cérebro esquerdo reflexivo) e realiza com os cinco sentidos a comunhão entre o exterior corpóreo e a interioridade incorpórea. O homem cósmico equivale a Cinco. É o estado andrógino. Quando ele se deixa “sexuar”, dualizar, é expulso do Paraíso, ou seja, cai no mundo terrestre e em suas vicissitudes. Então ele vale Seis. Cinco é um número ímpar e, enquanto tal, exprime não um estado, mas um ato, uma passagem.

O pentágono simboliza a quinta-essência, que comanda toda perfeição. Como o Três, ele representa uma passagem pelo centro. Sua posição central entre o Um e o Nove torna-o mediador do Céu e da Terra. É o signo de Leão, o primeiro contato com a materialidade dos poderes e das possibilidades do Homem antes da queda.



Cinco é o Homem cósmico, proveniente do Céu-Terra e senhor da criação: Deus faz toda a criação desfilar diante dele para ele dar um Nome.

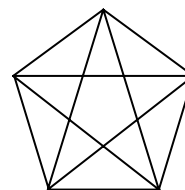
Cinco é 3 + 2, filho de Yang e Yin, união harmônica do Céu e da Terra, do primeiro número ímpar, Três, e do primeiro par, Dois.



$5 = 2$ (— —) + 3 (—) = o andrógino, o Homem cósmico, Adão Kadmon. O ideograma chinês do homem, Ren-Jen 人, representa essa estrutura.

Com o cinco, a ruptura do equilíbrio fica harmonizada. No Éden, o Homem cósmico permanece ainda em contato com a árvore da

Vida central, do qual partem os quatro rios. Ele ainda não experimentou a árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.



O pentáculo é uma outra representação do Cinco. Sendo metade da década, participa da essência e da importância dela, enquanto sua imagem condensada. Número de Afrodite, deusa da união fecundadora e do amor gerador, é também número nupcial. Combinação do primeiro número par matricial (2+0) e do primeiro número ímpar (2 + 1) macho assimétrico, é ainda o número da harmonia, da saúde, da beleza realizada no corpo humano. Seu grafismo, o pentagrama estrelado, é símbolo do amor criador e da beleza viva, do equilíbrio de saúde do corpo humano que, projeção da alma no plano material, reflete como ela o grande ritmo, a Alma do mundo, a Vida universal. O Pentagrama torna-se, então, o emblema do Microcosmo.

Cálculo do Número Áureo

O **Número Áureo** ou **Número de Ouro** resulta da divisão desigual, assimétrica, de uma grandeza em duas partes, obedecendo ao “princípio de economia” e estabelecendo, entre a grandeza inicial e essas duas partes, a proporção denominada “Seção Dourada”:

$$\overbrace{\quad\quad\quad}^a \quad \overbrace{\quad\quad\quad}^b \quad A = a + b,$$

de onde pode se obter a seguinte relação: $\frac{A}{a} = \frac{a+b}{a} = \frac{a}{b}$

$$\left(\frac{a}{b}\right)^2 = \frac{a}{b} \left(\frac{a+b}{a}\right) = \frac{a+b}{b} = \frac{a}{b} + \frac{a+b}{ab}$$

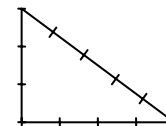
$$\left(\frac{a}{b}\right)^2 = \frac{a^2}{ab} + 1 = \frac{a}{b} + 1 \Rightarrow \left(\frac{a}{b}\right)^2 - \left(\frac{a}{b}\right) - 1 = 0$$

Tomando a/b como desconhecido, duas possibilidades surgem:

$$\frac{a}{b} \cdot \frac{1+\sqrt{5}}{2} \quad \text{e} \quad \frac{a}{b} \cdot \frac{1-\sqrt{5}}{2}$$

A raiz positiva vale 1,618... ; a raiz negativa vale -0,618... ; a relação a/b é denominada “seção dourada”.

O triângulo retângulo de lados 3, 4 e 5, traduz esse princípio.



O cenário

Com o número seis, inauguramos a segunda metade da série de números simples que nos propusemos abordar. Com a primeira metade, a Unidade se diferencia (Binário), se organiza (Ternário), se realiza (Quaternário) e se exprime pela vida. Constitui, de certo modo, um caminho de involução, de descida na matéria. Por oposição, a segunda metade da série mostra o caminho de retorno. É o caminho que seguem as Individualidades criadas na matéria para retornar à Unidade. Seis representa esse princípio de forças contrárias em equilíbrio.

Após a inversão do Três-Quatro, o Cinco oferece uma figura acabada. É necessário, para construir o Seis, retornar ao modelo ternário onde $6 = 3 + 3$. Esse valor se associa ao círculo ou ao duplo triângulo eqüilátero. Numa representação espontânea de seis pontos, duas possibilidades se oferecem com maior frequência:



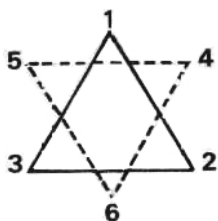
A primeira é uma representação mais ou menos circular, pois o seis e o três estão estreitamente associados ao círculo. Entre os Antigos, o seis era considerado como o segundo número perfeito (é igual tanto à soma quanto ao produto dos seus divisores:

$$6 = 1 + 2 + 3 \quad \text{ou} \quad 6 = 1 \times 2 \times 3$$

A segunda, que deriva da primeira, é a associação de dois triângulos. Essa representação como duplo Ternário é muito rica de significados.

Na passagem do Três ao Quatro nos deparamos com uma primeira inversão necessária (figura ao lado):

A figura harmoniosa do Cinco com seu valor de centro necessita, para uma nova dilatação, uma figura diferente. O Cinco, centro da relação Céu-Terra, se desdobra.



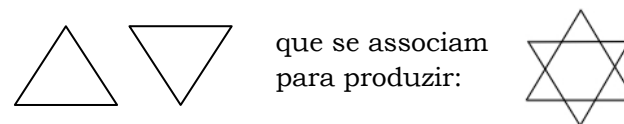
Dessas duas representações ternárias, a primeira (1-2-3) representa o Logos nas suas fases de organização criadora, o Fogo, o masculino, enquanto que a segunda (4-5-6), oposta à primeira, torna-se seu reflexo no mundo da criação, a água, o feminino. O Senário marca assim a oposição da criatura face ao criador

num equilíbrio indefinido. Nesse sentido, pode se tornar o símbolo da queda.

O Éden, com seus quatro rios e a Árvore da Vida (cinco), pela queda do seis, é transposto para: Árvore do Conhecimento do Bem Δ e do Mal ∇ .

O Cinco, andrógino, dará o Seis (o Velho Homem): o homem ternário e a mulher ternária. O Seis torna-se assim o símbolo da separação, da sexualidade (six, sex, sexo). É por isso que o Espírito, o Yang, procurará seu complementar Yin, o Corpo, e vice-versa. São os movimentos primordiais do homem à procura do “corpo” feminino ou da mulher em busca do “espírito” masculino, criando toda a dificuldade do encontro que, embora complementar, é com frequência vivido como oposição.

Os dois triângulos são o símbolo da dupla origem da criação, que coloca o Céu, o Espírito Δ , em relação com a Terra, o Corpo ∇ :



que se associam para produzir:

É nesse sentido que o Ternário se encontra em tudo o que está organizado em nosso plano, como um reflexo mais ou menos refratado da harmonia suprema. O reflexo do criador na criatura é o próprio fundamento da Beleza.

O desenrolar espaço-temporal ligado ao Três encontra sua manifestação na duplicação, o Seis.

O Homem, expulso do Paraíso, tem o valor seis. É o homem velho ou maduro, que realizou todos os atos necessários à sua presença no mundo, ou seja, sua existência no mundo terrestre. A partir de então, o Velho Homem não tem mais necessidade de agir ou de procriar: ele pode afinal ingressar na sabedoria. Com Seis Dias a criação se completa. O último gesto do homem humano, portanto material, é o ato sexual, interpenetração dos dois triângulos do escudo de Davi. É o ternário masculino, o Espírito, que fecunda o ternário feminino, o Corpo. Essa oposição marca uma relação de dependência: um conduz, o outro é conduzido.

Essa relação entre o Ativo e o Passivo constitui a Providência. A Terra ∇ , passiva, sofre, aceita, recebe a atividade de seu complementar, o Céu Δ . Desse modo, tudo aquilo que é percebido como fruto do

Acaso, não passa do produto do triângulo ativo invisível (Céu) sobre o triângulo passivo visível (Terra).

Seis é o número do Homem que, pelo gesto e pela ação, detém o poder no mundo profano, o poder encarnado no mundo terrestre. Ele se torna o número da Prova, do Karma. Pelo desconhecimento das leis do Cosmo, o Homem não deixa que se realize essa comunicação dos opostos. Ao intervir, ele é submetido. Seis é o signo do Destino. O Karma cenário, pelos seus múltiplos laços, torna a mergulhar os seres em novos envoltórios físicos, a fim de esgotar o jogo de ações e reações necessárias ao Número, e de encontrar a harmonia do Sete. O cenário leva desse modo à cadeia das reencarnações e à morte.

O jogo da ação e reação se efetua a cada instante de nossa vida cotidiana. Como ele se inscreve em nossas atos, estados emocionais ou processos mentais (“Quem semeia vento colhe tempestade”), torna-se fonte de conflitos e de tensões dolorosas, se for recusado. Quando o Homem está infeliz, deve compreender que a culpa lhe cabe inteiramente. A base de toda ação só deveria ser o amor em atividade, ou seja, a utilização criativa (e não egoísta) das energias, já que o homem se esgota no combate para se diferenciar. A reação é um fato da Natureza. Não podemos mudar os acontecimentos: podemos mudar nossa reação diante deles. Ao aceitar o que às vezes pode parecer inaceitável, adquire-se o estado de transparência e de humildade. “Seja feita a Tua vontade...” A ação se efetua, mas sem gerar uma reação que repercute em cadeia, tal como ocorre em todas as situações produzidas por reações de cólera, inveja, ciúme.

A liberdade se conquista mediante a liberação da opressão do seis. Tendo a mesma raiz que sexo, ele evoca o estado de dependência que nasce da necessidade de satisfazer ao outro.

Quer seja feliz ou infeliz, o Seis credita ao “outro” e permanece sob sua dependência. A autonomia é adquirida pela busca do amor autêntico que consiste em dar, não em receber. Dar-se plenamente, sem intenção de receber, supõe a passagem pelo centro, o Sete.

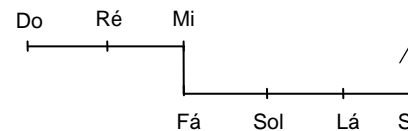
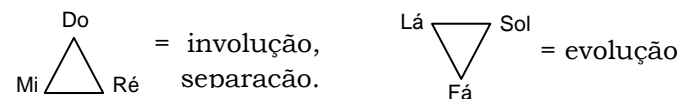
A cadeia dos pensamentos é um processo análogo. Ao se encadearem entre si, passados, presentes e futuros, eles constituem uma forma que nos aprisiona. O “não-envolvimento” é um princípio primordial que nos conduz à emancipação, a qual permite, ao abandonarmos o mundo dos pensamentos, entrar em ressonância com o mundo das Idéias. O seis, como o quatro, implica numa limitação. No

entanto, participando do Três, ela pode se resolver pela obediência à ordem do Céu.

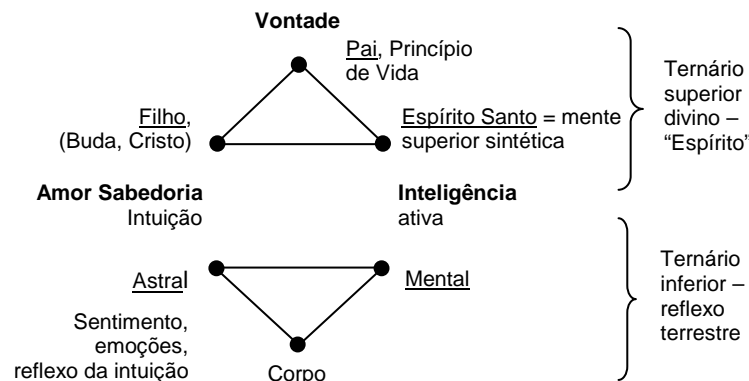
Após os cinco elementos do mundo terrestre, relacionados aos órgãos, temos as seis qualidades do céu, relacionadas aos 12 meridianos e à energia cósmica.

No Gênesis, o 6º dia, na 8ª palavra do Logos criador, Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem...”. Os seis dias são compostos de 2 tríades (6 = 3 x 2) através de duas quebras de ritmo que explicaremos com o Nove.

Os três primeiros dias (Dó-Ré-Mi) correspondem à pré-formação do mundo. Os três últimos dias constituem a formação do nosso Universo, compreendendo as estrelas e os sistemas solares.



O Si e o Homem no Sete vão reunificar os dois extremos, o Ternário superior divino, “Espírito”, e o Ternário inferior, reflexo terrestre:



O Seis representa o tríplice reflexo do Céu-Terra em suas expressões recíprocas:

- A mente humana funciona em dois planos:
 - inferior: concreto pessoal, mental, reflexão
 - superior: abstrato impessoal, inteligência ativa.
- Os sentimentos e emoções são compostos de um:
 - plano inferior: aspecto pessoal, emoções, sentimentos, ou melhor dizendo, emotividade e sentimentalismo; e de um
 - plano superior: expresso pela intuição, aspecto impessoal, de sentimento.
- O corpo é veículo da consciência da vida, do Princípio de vida no plano físico. Constitui o terceiro reflexo igualmente diferenciado em:
 - força ativa do ternário superior (vontade criativa do Pai)
 - inércia corporal do ternário inferior.

Seis = 1 x 2 x 3 representa o acasalamento do número macho 3, gerador das quintas, e do número fêmea 2, gerador das oitavas. O produto da série das duplas e triplos dá:

↑					
81				1296	
27			216		
9		36			
3	6				
1	2	4	8	16	→

que é idêntico ao das potências de 6:

↑					
162			1296		
54	108	216	432		
18	36	72	144		
6	12	24	48	96	→

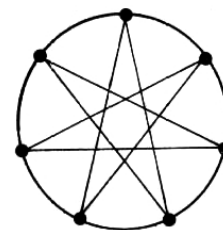
A série dos duplos é horizontal, terrestre (oitava), a série dos triplos é vertical, celeste (quintas).

A música, como veremos, tem ainda relação com o número Seis (5 tons e 2 semitons = 6 tons inteiros).

A figura que simboliza o cenário de modo mais perfeito é o hexagrama ou estrela de seis pontas. Um triângulo é branco e o outro é negro, ou então, um é vermelho e o outro é azul, duas cores extremas do espectro, exprimindo o equilíbrio, o laço entre o arquétipo e o mundo manifestado. Esse símbolo, denominado Selo de Salomão, encontra-se em todas as tradições. Ao contrário do pentágono, não pode ser desenhado com um único traço. Não simboliza uma ação, mas o antagonismo entre duas ações.

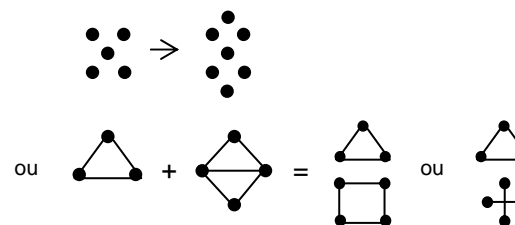


O setenário

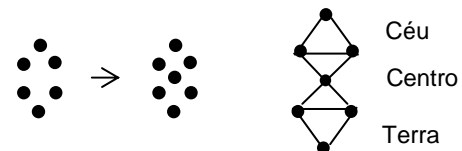


A oposição irreversível do Seis nada pode produzir até que um novo elemento venha romper o equilíbrio e desencadear a atuação do ativo sobre o passivo. Após o Seis (a queda), o valor centro do Sete vai recriar, focalizar, o que se havia perdido no movimento de separação, de dilatação, do algarismo precedente.

A expressão gráfica do setenário está mais freqüentemente ligada ao Cinco ou ao Seis:



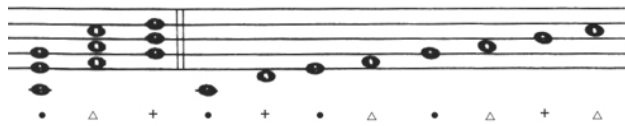
Isto é: 3 + 4 = 7



O Setenário é a realização objetiva do Ternário, com o qual estabelece estreitas relações. Toda manifestação se exprime através dele, enquanto ação conjugada do Céu e da Terra que se encontram num centro neutro, ponto de equilíbrio. Ele representa a expressão das combinações do ternário (1, 2 e 3) em sete “raios” de criação, que permitem sua realização:

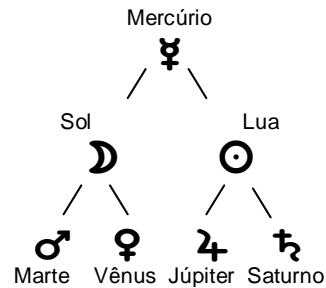


Do mesmo modo as três cores fundamentais – vermelho, amarelo e azul – geram o espectro e as sete cores. O Ternário da escala musical se desenvolve de igual modo em sete notas, visto que os acordes perfeitos construídos a partir da triade fundamental Dó-Fá-Sol totalizam as sete notas da escala:



Sete é o número da Criação e o sétimo dia, o repouso central. O sétimo termo é como que uma porta aberta entre o Céu e a Terra. É por essa razão que o sétimo dia teve uma manhã, mas não a noite.

O Setenário é a demonstração de um princípio geral da natureza. O Sete é o número da animação organizada pela ação conjunta do Céu e da Terra. No seu nível, a criatura toma consciência de sua verdadeira natureza. Na astrologia, o setenário se articula em torno de Mercúrio, intermediário hermafrodita. Ele procede da vontade solar e da imaginação lunar. O Caduceu de Hermes representa uma serpente que toca o bastão vertical em sete pontos. (Compare com o mercúrio dos 'filósofos' e com os sete chacras).



Todo fenômeno de ordem energética é, por esse motivo, composto de sete fatores que resultam, de fato, da contração de 9 funções. Na tradição chinesa, de igual modo, há 7 estrelas visíveis na Ursa Maior e 2 estrelas invisíveis. A visão dessas duas últimas daria a imortalidade.



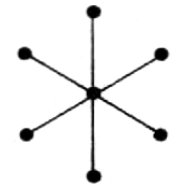
Sete é o homem terrestre realizado (número do acabamento da criação, do repouso, da perfeição). Ele consiste na contemplação do Seis, pela adição sagrada Seis mais Um. Como o Três e o Cinco, representa um número central. O sétimo signo, Balança, compreende a busca da perfeição e da justiça, e também a pesagem das almas (retorno do Homem Cósmico que permitirá a ascensão, a saída do Cosmo).

O Um que se acrescenta ao Seis é com freqüência representado perpendicularmente ao Seis para mostrar que não pertence à mesma dimensão do mundo.

Veremos que o Sete corresponde aos 7 chacras. É também o número dos planos da Criação, dos Corpos do homem, dos raios da Tradição, dos graus da perfeição, dos ramos da árvore cósmica, das cores do arco-íris.

Ele é atribuído à Perfeição do Espírito Santo, que verte na alma sete dons: Espírito da Sabedoria, Espírito da Inteligência, Espírito da Ciência, Espírito do Conselho, Espírito da Força, Espírito da Compaixão e Espírito do Temor a Deus.

Ele determina três eixos de polarização (3 x 2), que se encontram num centro, Sete, ponto de repouso. Cada ângulo tem 60°, que corresponde ao do Ternário Divino (triângulo eqüilátero).



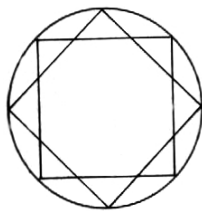
Nesse caso, o Sete representa a perfeição da Natureza, a ação acabada, perfeita. Esse ponto final subentende necessariamente, para continuar a transformação, uma morte necessária que se encontra com o Oito.

O “octenário”

Ao se chegar com o Sete a uma certa perfeição da criação, bem como da criatura, o Oito vai se tornar o princípio da transformação, da liberação cármica, da salvação, da Santidade.

Do mesmo modo que o Seis só pode ser considerado como um desdobramento do Três, e por seguir ao Sete (finalização), o Oito se apresenta como um desdobramento do Quatro.

Já vimos a importância dada pelas tradições ao número Três e sua estreita relação com o Dois. Se integrarmos essa dualidade no seu aspecto ternário (23), obteremos 8 combinações possíveis que representam os elementos fundamentais da totalidade do ser, que os chineses representaram pelos 8 “trigramas”,



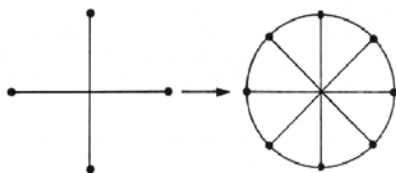
provenientes de uma tríplice polarização da unidade primordial:

$$1 \rightarrow 2 \rightarrow 4 \rightarrow 8$$

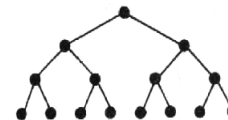
Os egípcios diziam pelas palavras de Tot:

Eu sou o Um que se transforma em Dois
Eu sou o Dois que se transforma em Quatro
Eu sou o Quatro que se transforma em Oito
Eu sou o Um depois disso.

Embora possua 2 ou 4 como chaves numéricas, ligando-se por isso ao quadrado, o Oito se inscreve num círculo. A transformação do quadrado em círculo simboliza a quadratura do círculo, passagem da terra ao Céu. O Oito deve simbolizar uma idéia espiritual, que se encadeia logicamente com a de evolução e perfeição traduzida pelo Sete.



Nesse sentido, o Oito representa, como o Cinco, uma chave de passagem e de transformação do terrestre em celeste. É a Casa 8 da astrologia, da morte-transformação ou também o campanário, local de passagem entre a terra e o céu, freqüentemente construído de forma octogonal.



Um é, por si mesmo, indemonstrável
Dois demonstra Um pela ação do Movimento,
Quatro é a orientação no plano
Oito é a primeira coisa, o volume que transforma.

Esse volume será o local de experimentação das forças da criação com a finalidade de transformação. “Transformar” significa passar através da forma, do volume. O Oito implica numa idéia de mutação, mas também, se essa mutação não se efetuar, de repetição, de ficar “rodando”, tal como no Quatro ou Seis.

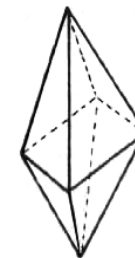
Assim, com a palavra de Tot, tudo está dito e a primeira coisa é o Oito. A oitava é renovação. Com o Oito a Unidade primeira, sem corpo, torna-se o primeiro volume. Sua realização conduz a uma nova partida.

O octaedro será o coração sólido do cosmo, seu núcleo, enquanto construção extrema, a partir da qual a expansão poderá se efetuar.

Esse modelo pode servir de base simbólica para a representação do homem, considerado tanto no plano corporal, quanto no energético ou espiritual.

O oito é o algarismo do homem morto, da dissolução, ponto final da evolução terrestre que leva à transformação. É o signo de Escorpião, número da água (as pias batismais são octogonais), da morte e do renascimento após a liberação total do carma. Oito é par. É um estado, uma etapa na passagem do Sete ao Nove. A chave de resolução do Oito é o Nove.

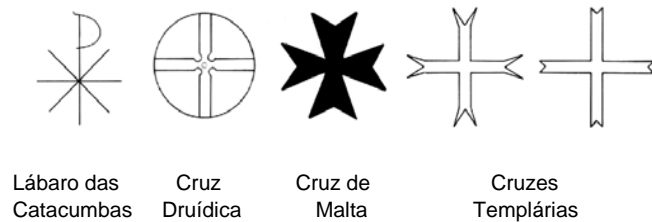
O Oito é uma prefiguração do Céu sobre a Terra e significa que o Céu é adquirido inicialmente sobre a Terra. O Oito está ligado aos 8



vasos maravilhosos da acupuntura, sistema de transformação das energias.

Entre o movimento centrífugo de exteriorização do Sete e o “retorno”, movimento centripeto do Nove (que leva ao Dez), a chave de passagem é o Oito, símbolo da cura, da Redenção, pela transformação que se associa a ele.

Vários motivos simbólicos ou arquitetônicos têm sua chave no Oito:



É o caso também da Rosa dos Ventos, que designa o conjunto do Universo material em movimento (4 x 2 que gira).



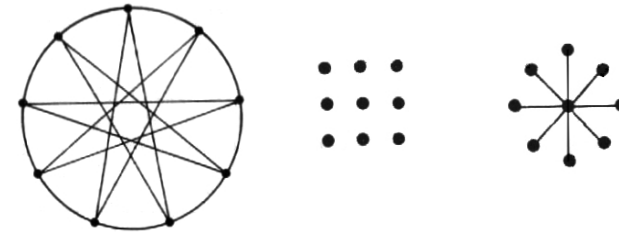
Seu grafismo repetido numa ordem de sucessão periódica, representa o laço de união:



O “nonário”

Após a transformação do Oito, o Nove torna-se o número da re-integração final.

A representação simbólica mais comum do 'nonário' é o Oito centrado, quer sejam 8 pontos periféricos mais um central (representação quadrada), quer seja uma representação circular:



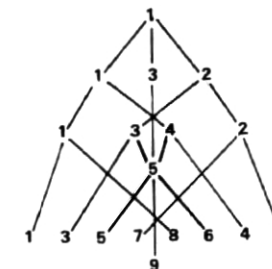
Já vimos que a integração do Dois restabelece a unidade central do Três. Do mesmo modo, a unidade central do Quatro será o Cinco, a do Seis será o Sete e a do Oito será o Nove.

Nove exprime uma idéia de totalidade, de força, de plenitude. Seu aspecto central em relação ao do Oito, periférico, leva-nos a escrever $8 + 1$, ou em linguagem simbólica:



Porém, ocorrem três polarizações na sua origem. Ele exprime uma idéia de concentração, de acumulação, de força, de plena realização. O acréscimo de um outro elemento provocará a passagem a uma outra série.

Nove é a totalidade dos três mundos: Céu (Zênite) - Inferno (Nadir) - Terra (Centro), ou seja, o mundo da manifestação divina sobre os três planos: físico, psíquico e espiritual.



No Nove, o absoluto em seu aspecto trinitário se exprime de modo ternário 3×3 . Ele se associa, assim, ao Sete que manifesta os sete aspectos do Ternário, enquanto que $3 \times 3 = 9$, são os poderes do mesmo Ternário. Desse modo é encerrada a série de algarismos de 1 a 9, visto que o zero, ausência,

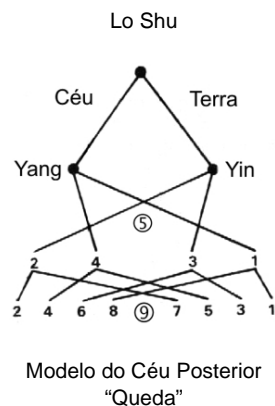
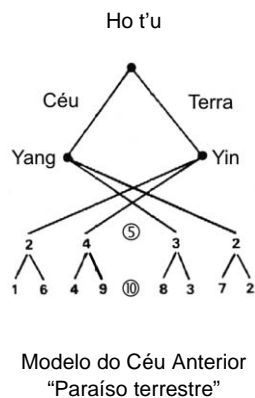
é uma noção estranha à tradição. Todas as coisas, criadas ou não-criadas, estão em Deus e ele não é ausência, mas sim presença, a Unidade Incognoscível.

O Nove pode então ser concebido como ponto de chegada ou ponto de partida de uma nova série que se inicia com o Dez. Ao transpormos a porta da morte do Oito, renascemos no Nove. É a Porta Divina, a escada de nove degraus que representam as nove etapas em direção ao divino ou Dez.

Esse número possui propriedades aritméticas curiosas. Por exemplo, os múltiplos de nove são sempre compostos de algarismos cuja soma é igual a 9. No nosso sistema de numeração é o último número simples. Marca, portanto, o pleno desenvolvimento da série numérica.

Os três ternários que o compõem tomam um valor simbólico particular: o primeiro (1-2-3) é a organização do princípio criador. O segundo (4-5-6) é a ação criadora que se relaciona à natureza, à encarnação, ao carma, enquanto reflexo negativo do primeiro ternário. O primeiro se resume no Um, o segundo no Dois como chave de compreensão. O terceiro ternário (7-8-9) apresenta uma significação de conjunto relacionado ao Três. Ele segue os dois primeiros, ligando a criatura ao criador. Com o Sete, tivemos a perfeição da evolução. O Oito nos conduziu à transformação, à espiritualização, à desencarnação definitiva. O Nove constitui a ponte ao Dez e marca o retorno definitivo para a Unidade Superior.

Esse aspecto também é expresso na tradição oriental. Os algarismos emblemáticos associam o Cinco e o Dez ao “Centro”. Dois modelos são propostos:



O diagrama *Ho T'u* representa o aspecto equilibrado do Yin-Yang. No *Lo Shu* o 10 não aparece no emblema e o diagrama representa o aspecto desequilibrado do Yin-Yang.

Por ser o Três o número criador por excelência, seu quadrado, o Nove, representa a universalidade dos seres e das coisas, a soma última de todas as individualidades. É a soma de tudo o que foi, o que é e o que será.

Nove designa a *Eneade* divina entre os egípcios. Do mesmo modo existem nove musas, nove mundos (três celestes, três terrestres e três infernais), nove nós no bastão sagrado do Taoísmo, nove cavidades no Budismo. Os nove números da Tetraktys rodeando a Unidade são os nove poderes ou nomes transcendentais que caracterizam os modos de ação, as nove funções.

Essas nove potências, no cristianismo, são o símbolo da fecundidade, do parto, da plenitude, do amor.

- 1ª Hierarquia: Serafins
Querubins
Tronos
- 2ª Hierarquia: Dominações
Virtudes
Potestades
- 3ª Hierarquia: Principados
Arcanjos
Anjos

A essas três séries de três (= 9) potências angélicas opõem-se os Anjos decaídos, quatro Príncipes e oito Sub-Príncipes (note a relação celeste Três-Nove, que se opõe à relação terrestre Quatro-Oito):

- Lúcifer: Amaimon
Asmodeu
- Belial: Paimon
Astarote
- Leviatã: Magote
Oriens
- Satã: Belzebu
Ariton

A subsistência do mundo inferior, das raças decaídas, da geração e da corrupção, só existe e perdura graças ao mundo superior, em virtude das energias que emanam das esferas indestrutíveis: “Não

há a menor planta aqui embaixo que não tenha sua correspondência no Céu”.

A passagem do Sete ao Nove será, como veremos com as cores, os sons, os chacras) a chave da libertação do homem.

Último na série dos numerais, o Nove anuncia ao mesmo tempo um fim e um começo, ou seja, uma transposição a um outro plano. Nele encontramos a idéia de novo nascimento e de transmutação.

O homem, no Nove, renasce em Deus. Está no limiar de um novo mundo. É um sinal de transição, pois entre o nono signo, Sagitário, e o décimo, Capricórnio, encontra-se a “Porta dos Deuses” do solstício de inverno. Jesus, cujo nascimento foi escolhido pela tradição a 24 de dezembro, diz: “Eu sou a Porta”. Além disso, a morte do Cristo se efetua entre a 9ª e a 10ª hora da Páscoa, permitindo-lhe, pela sua ressurreição, tornar-se o arquétipo do Novo Adão.

No Gênesis há 7 dias da Criação e 10 ações ou palavras de Deus, que correspondem à escala musical:

Número	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Nota	Dó	Ré	Mi	$\frac{1}{2}$ tom em falta	Fá	Sol	Lá	Si	$\frac{1}{2}$ tom em falta	Dó
Palavra	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Dia ou Raio	1º	2º	3º		4º	5º	6º	7º		

Obs: O 7º dia é de repouso. Há uma manhã, mas não a noite

O desdobramento do 3º e do 6º raio, ou dia, produz o Nove. Dez é a repetição, na oitava, do impulso primordial. Nesse sentido, ele constitui uma parada que marca o reencontro, num nível superior, do estado inicial.

O denário

Após termos visto com atenção os nove primeiros algarismos, vejamos de modo mais sucinto o Dez, o Onze e o Doze, que integram o nível superior do movimento precedente. Dez é o primeiro número composto. Constitui uma unidade de ordem superior e a síntese do movimento que o precede.

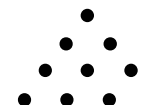
Com o Dez, o Homem transpôs a Porta dos Deuses. Isso significa uma suspensão do movimento, a entrada num outro Plano, a

segunda série dos números. Ele é perpendicular ao Nove, como o Sete o era em relação ao Seis, mas num nível superior.

Dez são os cinco dedos da mão direita reunidos aos cinco dedos da mão esquerda, na prece, na meditação, símbolo da Unidade reencontrada após a passagem pela Porta dos Deuses. Eles entram em contato com o mundo divino, imprimindo a Unidade (mãos juntas) ou o cruzamento dos dois mundos (dedos cruzados).

Dez, tal como as dez conchas à entrada do Santuário do Monte Saint-Michel, representa a criação acabada, perfeita. Ele é composto pelas Nove potências celestes e pelo Trono, o Centro. É o número dos preceitos da Lei que Moisés recebeu no Monte Sinai, número das Sefirotas da Cabala, das Hastes Celestes que servem no Taoísmo para medir o Tempo. Ele traz consigo o sentido de completação, de retorno à Unidade após o ciclo de desenvolvimento dos nove perímetros números.

Dez é expresso pela Tetraktys (1+2+3+4), que simboliza a Criação Universal, a Totalidade em movimento num estado de harmonia como no modelo Ho T'u:



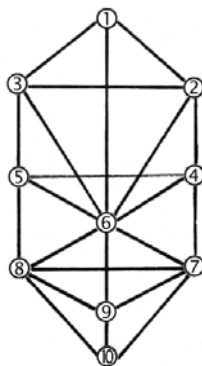
A Tetraktys, chave de abóbada do pensamento pitagórico é:

- a seqüência de 4 números $1 + 2 + 3 + 4 = 10$
- o resultado da formação do quaternário (4º número triangular)
- tem as qualidades transcendentais da década, arquétipo da dezena, número simbólico do Universo
- tem as qualidades dinâmicas do crescimento triangular, e
- participa das qualidades harmônicas da progressão $1 - 2 - 3 - 4$:
 - relação 2 para 1 = oitava
 - relação 3 para 2 = quinta
 - relação 4 para 3 = quarta

Nicômaco, ao falar do Número, escreve: “Mas tudo era multidão ilimitada, era preciso uma ordem... , ora, é na Década que preexistia um equilíbrio natural entre o conjunto e seus elementos. É por isso que as coisas do Céu e da Terra têm para os conjuntos e as partes suas relações de concordâncias baseadas nela e ordenadas segundo ela”.

		7		
		2		
Quadrado mágico de Ho T'u	8	3 (10)	4	9
(Céu Anterior)		5		
		1		
		6		

A Cabala resume os arquétipos que animam a totalidade do Universo criado em dez números primordiais. Trata-se do $3 + 7 =$ criador e criação. Chegar ao Dez constitui a descoberta operativa dos milagres da Unidade da qual fala a Tábua de Esmeralda. Aliás, Cabala significa “revelação”.



O esquema da árvore da Vida exprime o Denário nos três mundos.

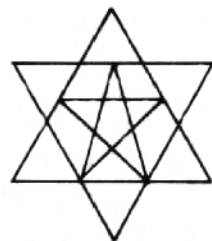


O onze

Onze = Seis + Cinco, ou seja, a adição, a união do macrocosmo e microcosmo. Número do conhecimento, da revelação, simboliza o Homem transformado em mensageiro dos Deuses após a passagem da porta do Dez, isto é, o profeta, o Boddishatva.

É também o número do Tao, sendo que o seu dobro, 22, é o número que liga o homem ao conhecimento ($22 = 3 + 7 + 12$), é o Louco do Tarô, o arcano sem número.

O Dez era a globalidade de um ciclo, o retorno à unidade. O Onze é uma nova polarização, uma nova partida ($11 \rightarrow 1 + 1 = 2$), mas com todas as aquisições e expe-



riência do ciclo precedente. Nesse aspecto, o Onze se liga ao binário na segunda série.

Encontramos, em todas as tradições, uma redução do Doze ao Onze. Os 12 apóstolos tornam-se 11 após a traição de Judas. Os filhos de Isaac são 11, mais um traidor. Na alquimia, a escada do sábio é de início levantada com 12 travessas, mas, no final da obra, ela é deitada e só comporta 11 travessas.

Na bioenergética, encontramos doze meridianos, mas apenas onze órgãos ($6 + 5$). Onze representa também os 7 planetas e o quaternário terrestre, $7 + 4 = 11$, ou o macrocosmo (Céu + Terra) na sua relação com o microcosmo ($5 =$ Homem).

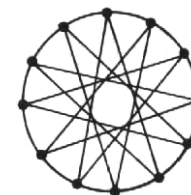
Onze torna-se o conjunto Céu-Terra-Homem numa ótica de movimento, de mudança. Ocorre aí uma inversão na respiração do número, devido ao repouso do 7º dia da criação, fazendo do dez um valor centro. O primeiro movimento da segunda oitava fica assim associado ao Onze que, na tradição, designa o primeiro céu, a causa primeira que coloca em movimento tudo o que é móvel (Tao). O número domina as inteligências de segunda ordem que governam o céu e as estrelas fixas, em especial os doze signos do zodíaco.

O doze

Após a mobilidade do Onze, o Doze torna-se fixo. Doze (3×4) contém em si o desenvolvimento harmonioso da Unidade ternária. Ele é o produto do Três vertical com o Quatro horizontal. É o Ternário atuando nos quatro movimentos de metamorfose das energias do Fogo, Terra, Ar e Água, no balanço eterno do Yin e do Yang.

O dodecaedro, cujo volume se compõe de 12 faces iguais, ou seja, de 12 pentágonos perfeitos, permite transformar o Cinco em Doze e transportar o homem no tempo cósmico.

Os doze signos do zodíaco, os doze meses, os doze apóstolos, os doze trabalhos de Hércules, os doze meridianos da acupuntura, os doze semitons da oitava, as doze horas do dia nas civilizações tradicionais, são exemplos das doze energias do homem em evolução no transcorrer do tempo pela diferenciação e manifestação do princípio ativo, o espírito, no princípio passivo, a substância.

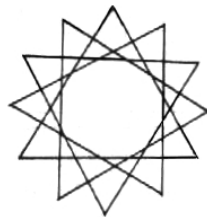


Os doze números, em torno do Ternário original da Pentaktys definem temporalmente os lugares celestes. O Doze se fecha em si mesmo em sua representação circular, como pode ser visto na música. É o número da escolha, do povo de Deus, dos Eleitos que eram 144.000, ou seja, 12 x 12.000. Como o Doze representa o limite do Cosmo, os Eleitos são aqueles marcados por esse número que lhes permite saírem dos limites do espaço-tempo; são 12 as portas da Jerusalém Celeste.

3 = tempo, 4 = espaço, 12 = espaço-tempo
 3 = círculo, 4 = superfície, 12 = esfera

Doze simboliza os doze lugares nos quais o Tempo circula, ou seja, a interpenetração do Espaço e do Tempo, que determina o limite do nosso mundo cósmico.

Doze, na tradição, domina o terceiro céu e a esfera de Saturno (limitação).



$$12 = 3 \times 4$$

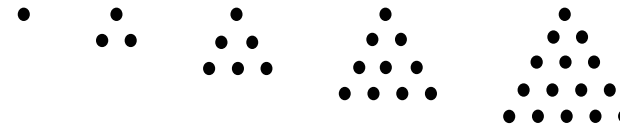
Notas sobre os números

1) Números triangulares e quadrados:

números naturais: 1, 2, 3, 4, 5... n
 números triangulares: 1, 3, 6, 10, 16... $\frac{n(n+1)}{2}$
 números quadrados: 1, 4, 9, 16, 25... n^2

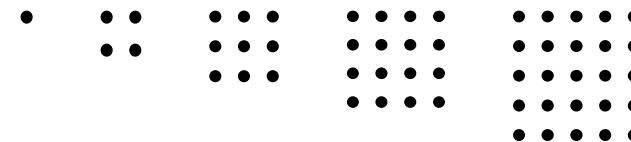
Se fizermos a soma da Tetraktys e da Pentaktys, ou seja, dos números triangulares T4 e T5, obteremos $10 + 15 = 25$. Portanto, a soma de dois números triangulares pode ser escrita em número quadrado, pois 25 é o quadrado de 5.

Números triangulares



T1	T2	T3	T4	T5
1	3	6	10	15

Números quadrados



1	4	9	16	25
S1	S2	S3	S4	S5

Como se pode observar:

$$S2 = T1+T2 \quad S3 = T2+T3 \quad S4 = T3+T4 \quad S5 = T4+T5$$

Este último é denominado Trono do Mundo, pois o fato de que $32 + 42 = 52$, permite estabelecer relações entre o 3, 4, 5, os 9 princípios temporais cósmicos, decorrentes da Tetraktys, os 12 lugares temporais do céu, resultantes da Pentaktys, a Unidade (Tetraktys) e o Ternário (Pentaktys). Podemos agora compreender melhor porque essa representação é denominada Trono do Mundo.

2) Respiração do número



Na primeira série (1 a 9), os algarismos Yin, pares, exprimem uma dilatação, enquanto que os algarismos Yang, ímpares, uma contração.

Na nossa manifestação, o Yin está associado ao princípio de expansão, dilatação, exteriorização, de energia centrífuga, enquanto que o Yang se refere ao princípio de retração, contração, interiorização, de energia centrípeta.

Mas o Dez, que corresponde ao 7º dia da criação, à oitava do Um, permanece com valor de centro. Isso cria, na segunda oitava, uma inversão de polaridades que não nos deve surpreender. O Onze, ímpar, está em dilatação, movimento, e o Doze, fica com o valor de centro, tal como o três, embora seja par...

3) Progressão geométrica

Com 3 termos, **b** é a média geométrica entre **a** e **b**:

$$\frac{a}{b} = \frac{b}{c} \Rightarrow b^2 = ac \Rightarrow b = \sqrt{ac}$$

Ex: $\frac{3}{6} = \frac{6}{12} \Rightarrow 6^2 = 3 \times 12 = 36$

$$\frac{2}{4} = \frac{4}{8} \Rightarrow 4^2 = 8 \times 2 = 16$$

Com 4 termos: $\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \Rightarrow ad = bc$

no qual existem dois termos médios, **a** e **b**, entre dois termos extremos, **a** e **d**.

4) Progressão aritmética

O termo médio, **b** (por ex.: 4), excede o primeiro, **a** (p.ex.: 2), pela mesma quantidade pela qual ele mesmo é excedido pelo último, **c** (por exemplo: 6), de tal modo que seja igual à metade da soma dos extremos:

$$6 - 4 = 4 - 2 \quad \text{ou} \quad 4 = \frac{2+6}{2}$$

portanto: $c - b = b - a \quad \text{ou} \quad b = \frac{(a+c)}{2}$

e: $b - a = a \frac{(c-b)}{c} \quad \text{ou} \quad b = \frac{2.ac}{(a+c)}$

Constantino K. Riemma - Cursos & Grupos de Estudo

contato@clubedotaro.com.br

